
Crônicas como Fonte e Objeto: um Panorama das Pesquisas do GP Comunicação e Esporte¹

André Alexandre Guimarães COUTO²
Cefet/RJ, Rio de Janeiro

Resumo

O trabalho aqui apresentado tem o objetivo de refletir sobre os usos das crônicas esportivas nos trabalhos apresentados pelo Grupo de Pesquisa (GP) Comunicação e Esporte, durante os Congressos Brasileiros de Ciências da Comunicação no período de 2016 a 2020. Para tanto, verificamos os principais temas escolhidos, olhares e matizes específicos no tratamento deste gênero híbrido, limiar entre o jornalismo e a literatura. Tal levantamento levou em conta a crônica tanto como fonte quanto como objeto de pesquisa e possibilitou resgatar uma reflexão sobre as possibilidades de seus usos, assim como as lacunas que podem ser preenchidas com novos e vindouros estudos.

Palavras-chave

Crônicas Esportivas; Fontes de Pesquisa; Comunicação e Esporte.

1. Questões Preliminares

Antes de pensarmos os usos recentes das crônicas esportivas como objeto de pesquisa na área de Comunicação e mesmo em qualquer outra importante área do conhecimento como a História, Sociologia, Antropologia, Estudos Literários e Educação Física, dentre outras possíveis; cabe ressaltar alguns aspectos sobre este gênero híbrido, ali no limite entre a Comunicação e a Literatura. Uma das questões que nos remete a esta interseção destas áreas de pesquisa é o grau de subjetividade presente no processo de criação das crônicas, sejam esportivas ou não.

Apesar de reconhecermos que as intenções subjetivas estão presentes em todo processo de criação de produções literárias e científicas, o gênero crônica se insere na mediação autoral, criativa e imaginativa do autor com a sua respectiva produção, em um degrau acima dos demais gêneros da comunicação, devido à sua capacidade de autonomia inter(subjetiva). Não se trata especificamente de contrapor ficção com realidade, mas como é possível dialogar ambas as dimensões sob uma visão subjetiva e específica.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor e Pesquisador do Cefet/RJ; Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Integra o SPORT (Laboratório de História do Esporte e do Lazer da UFRJ); e-mail: guimaraescouto@yahoo.com.br.

Desta forma, a crônica, profundamente discutida na obra de Antônio Cândido (1992) no campo da Literatura, apresenta uma segunda questão que nos é bastante cara: esta fonte/objeto de análise tem uma composição bem interessante e peculiar, ou seja, é constituída a partir de textos curtos, leves e, por vezes, com altas doses de ironia, humor e criatividade. Consegue, portanto, registrar momentos da vida social, política, cultural e, também, esportiva, de uma determinada localidade ou grupo social, por uma lente bem específica, muitas das vezes sabendo conciliar o plano geral e social de uma determinada conjuntura, com uma história pontual e microscópica. Portanto, a crônica se torna “maior” quando é reconhecida como um canal de comunicação que consegue perceber a importância de traços cotidianos da realidade, transformando-os em temas e debates relevantes para grupos maiores da sociedade. O “minúsculo”, “sem atenção” e “sem importância” podem se tornar, na visão do cronista, em elementos relevantes de singularidade e ganharem contornos que iluminam e descortinam histórias sobre personagens, lugares, relações sociais, situações e eventos.

Cabe lembrar que o trabalho clássico de Cândido sobre as crônicas como gênero literário não aborda necessariamente o universo esportivo, muito menos suas especificidades, mas corrobora com análises mais recentes sobre o tema. Nesta linha, atua também o autor Jorge de Sá, que chama a atenção para o “tamanho” das crônicas, sua “pequenez”, mas que impacta na vida social mais ampla, em especial no que diz respeito aos seus efeitos, especialmente na criação de representações culturais e, por vezes, do mapeamento cultural e geográfico das cidades (SÁ, 1987). Para este autor, a crônica é um caminho de descortinar as cidades de forma ágil e breve.

Na especificidade das crônicas esportivas, podemos perceber um elemento que é maximizado nesta modalidade: a passionalidade e a emotividade, exploradas por conta da relação com o meio e o tema esportivos. Ou seja, emoções e sentimentos estão presentes, invariavelmente, nas demais crônicas temáticas, seja pelo grau subjetivo na produção deste gênero, seja pela capacidade de exploração dos temas escolhidos pelo viés de chamar a atenção do leitor. Todavia, é justamente na crônica esportiva em que a relação entre autor e leitor é explorada pela capacidade de cumplicidade de emoções oriundas de um universo específico de jogos e práticas corporais que podem se revelar em um debate sobre identidade clubística, regional, nacional ou, ainda, de percepções sobre heróis, vilões ou sentimentos individuais/coletivos diversos.

Também é importante compreender que as crônicas esportivas são fontes ricas da relação entre as representações culturais e o espaço geográfico e urbano das cidades, aumentando o arsenal de interpretações e análises acadêmicas sobre o fenômeno esportivo.

Nesta perspectiva de compreender o hibridismo da crônica esportiva e toda a sua especificidade, cabe citar alguns trabalhos no campo do conhecimento da História, como o de André Mendes Capraro (2007), em sua tese *Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX*. Neste trabalho, o autor procura discutir as funções sociais do esporte (em especial, do futebol) partindo do ponto de vista dos escritores das crônicas, entendendo-os como homens de seu tempo e investigando suas relações sociais e de poder no mundo da literatura nacional. Para tanto, seleciona dois momentos históricos: as primeiras décadas do século XX e a consolidação do futebol na segunda metade do mesmo período histórico. Na mesma linha de comprometimento dos usos da crônica como fonte de pesquisa histórica do esporte, o livro *Passe de Letra: Crônica Esportiva e Sociedade Brasileira*, organizado por André Mendes Capraro e Miguel Archanjo de Freitas Jr. (2012) contribui para reflexões importantes sobre este gênero híbrido, por meio de uma coletânea de artigos de vários autores, e que investigam desde temas recentes sobre o esporte como questões de caráter metodológico.

Reforçando o cabedal de discussões recentes sobre a crônica e o esporte, destaco o meu trabalho, *Cronistas esportivos em campo: letras, imprensa e cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)* (COUTO, 2016). Nesta tese de Doutorado em História, o objetivo central foi compreender a produção dos cronistas do Jornal dos Sports durante a década de 1950, suas representações sociais e culturais e, também, sua autonomia de criação literária/jornalística em relação ao jornal/empresa, sugerindo, inclusive, uma classificação de grupos de cronistas presentes no jornal pelo menos até o final da década de 1950.³

Outros trabalhos no campo das Ciências Humanas trouxeram contribuições relevantes e importantes para o campo do estudo das crônicas esportivas, seja na área de História, seja na de Sociologia. Todavia, ainda há a centralidade das discussões em torno de cronistas “míticos” da imprensa brasileira, como é o caso dos irmãos Mário Rodrigues Filho e Nelson Rodrigues. É o caso de Gil (1997) e de Freitas Junior (2009),

³ Um artigo resumido desta classificação pode ser visto em Couto (2017).

trabalhos que trazem para o debate acadêmico questões como identidade nacional, modernidade e produção da imprensa esportiva, tendo como protagonista o jornalista Mário Filho. Já Santos (2012), apresenta uma dissertação de Mestrado sobre Nelson Rodrigues no campo da História, explorando em especial a dimensão das emoções, sentimentos e ressentimentos na obra deste autor. E o trabalho de Antunes (2004), *Com Brasileiro não há que possa! Futebol e Identidade Nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*, debate o conceito de brasilidade e sua relação com o futebol nacional nas obras destes três cronistas. Estudo que traz muitas contribuições para este debate, e que procura avançar na pesquisa sobre outros cronistas é o trabalho de Hollanda (2004), quando apresenta um trabalho denso sobre José Lins do Rego, debatendo elementos do modernismo e do regionalismo na obra deste cronista do JS.

No campo dos Estudos Literários destacamos as pesquisas de Silva (1997 e 2006) que propõem análises das crônicas dos irmãos Rodrigues, e discutem também questões como memória, identidade nacional e modernidade. Recentemente, novos estudos apresentam análises discursivas sobre as crônicas neste campo. Chamamos a atenção para a dissertação de Mestrado em Estudos Literários de Gama (2018), que compara parte da obra de Nelson Rodrigues com a de Chico Bicudo (cronista contemporâneo pouquíssimo estudado), trazendo chaves interpretativas de análise como, por exemplo, os elementos ficcionalizantes, a oralidade, a hipérbole e a fabulação. E, no campo da Comunicação, do qual trataremos mais adiante, destacamos o trabalho de Marques (2000), também enfatizando a obra de Nelson Rodrigues, mais com uma perspectiva de análise sob uma chave da estética neobarroca.

Desta forma, os estudos sobre as crônicas (esportivas), presentes especialmente nas áreas de História, Sociologia e Estudos Literários, assim como em outras áreas acadêmicas possíveis (como Educação Física, por exemplo), apresentam não apenas análises sobre as narrativas discursivas de determinados autores, escritores e jornalistas, mas também suas respectivas inserções no ambiente dos próprios periódicos, desvelando não apenas a coesão de uma linha editorial, mas também os embates, as disrupções e contradições da produção literária/jornalística, portanto, híbrida.

Faz-se necessário, então, mapearmos o campo da Comunicação e os usos deste gênero como fonte e objeto das pesquisas. Para tanto, utilizamos a base de dados da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação,

principal organização brasileira de estudos e pesquisas nesta área do conhecimento.⁴ Acreditamos que apesar da limitação acerca da base de dados escolhida, teremos um acervo atualizado desta produção acadêmica, tendo em vista não apenas a importância da instituição para o campo, mas também pelo fato daquela organizar um evento anual nacional com grupos de pesquisas apresentando o resultado ou o andamento de seus respectivos trabalhos.⁵

2. Mapeando o Campo: as crônicas esportivas na Comunicação

A área da Comunicação produziu alguns trabalhos que utilizaram as crônicas como objetos de pesquisa ou como fonte para análise e debate sobre demais questões do campo. Para o mapeamento deste breve artigo, utilizamos a base de dados da INTERCOM, conforme explicitado anteriormente. Ciente da dificuldade em trabalhar com diversos artigos que tratem de crônicas esportivas, procuramos dar ênfase àqueles que as discutem com mais profundidade ou que as usem de forma extensa e intensa como fontes de suas pesquisas. Para tanto, utilizamos como base de análise os trabalhos apresentados no Grupo de Pesquisa (GP) Comunicação e Esporte, dos últimos 5 anos, tentando iluminar a produção mais recente na área. Obviamente, compreendemos que outras bases de dados poderiam ter sido utilizadas, mas fizemos esta opção por dois motivos: 1) a dificuldade de mapear todas as bases de dados da área em um breve artigo como este e 2) a legitimidade acadêmica do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (organizada pela INTERCOM), que congrega sócios e não sócios, oriundos de instituições diversas de todo o país, sejam profissionais e pesquisadores experientes, sejam estudantes de programas de pós-graduação.

No entanto, antes de utilizar esta base, gostaríamos de destacar trabalhos de um mesmo autor que caminham na direção não apenas da compreensão do gênero crônica, mas também o quanto ela está, muitas das vezes, vinculada a momentos específicos do jornalismo esportivo.

Estes estudos procuram mapear e classificar as origens dos cronistas em jornais brasileiros a partir das Copas do Mundo de futebol masculino (diante de um panorama

⁴ Compreendemos, desde já, que nosso breve estudo é limitado (por conta de nossa escolha metodológica) e pode ser ampliado, seja pela utilização de outras bases de dados e fontes, seja pela produção contínua de trabalhos que utilizam a crônica esportiva em suas respectivas pesquisas.

⁵ Cabe lembrar que a INTERCOM organiza, além do evento anual nacional, mais cinco outros eventos anuais regionais. Todavia, vamos nos concentrar nos Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, ou seja, no evento de caráter nacional.

geral), dando ênfase na década de 1990 e podem ser conferidos em Marques (2004 e 2010) nos artigos: “*Todo dia ela sempre faz tudo igual (O texto literário e a crônica na imprensa esportiva brasileira)*” e “*A função autor e a crônica esportiva no Brasil: representações da Copa do Mundo em alguns jornais paulistas e cariocas*”. Neles, o autor informa o inchaço de articulistas, cronistas e colunistas, de origens diversas, e que são “convocados” a atuar nos principais jornais de Rio de Janeiro e São Paulo, durante o principal campeonato de futebol no planeta. E complementa ainda que,

O universo polifônico da crônica brasileira ao longo dos mundiais de futebol reflete a diversidade que advém com a presença de um contingente de profissionais que recusam as obrigações do discurso canônico jornalístico e que, ao mesmo tempo, recusam a formulação padrão que os “entendidos” do futebol procuram explorar, ao circunscrever suas análises apenas no âmbito pragmático da disputa (discutir se o jogador X é melhor do que o jogador Y, qual o melhor esquema tático para a seleção, o que disse o técnico naquela manhã etc.). Os cronistas, com a diversidade de seus textos, superam assim a tirania dos discursos segmentados (MARQUES, 2010, p. 49).

Além disso, o autor se propõe a discutir algumas características gerais da crônica esportiva brasileira, tendo suporte nas análises de autores como Foucault e Bakhtin, por exemplos.

Dos trabalhos mais recentes que utilizam crônicas como fontes, podemos destacar os de Couto e Cabo (2019 e 2020) que tratam, respectivamente, da cobertura do *Jornal dos Sports (JS)* na campanha da seleção brasileira de futebol masculino no Campeonato Sul-americano de 1949 e na Copa América de 1989, ambas organizadas no Brasil. Nestes estudos, além das notícias, manchetes, charges e demais imagens, o *corpus documental* incluiu textos de cronistas que já atuavam no periódico, assim como o de eventuais convidados especificamente para atuar naqueles respectivos momentos.⁶ No texto sobre 1989 as crônicas foram utilizadas não somente para compreender as intenções editoriais do periódico estudado, mas também para analisar as subjetividades presentes no discurso dos cronistas em questão, revelando opiniões mais ou menos críticas em relação às questões sociais e urbanas envolvendo o entorno da Copa América no Brasil, em especial nas sedes de Salvador e do Rio de Janeiro.

Já sobre 1949, as crônicas do *JS* são utilizadas não apenas como fontes mas como objeto de pesquisa, tendo em vista a especificidade do artigo em analisar estes

⁶ Em 1989, tratam-se especificamente das crônicas produzidas por Washington Rodrigues e Nelson Rodrigues Filho, os principais articulistas do jornal no período, além do convidado, Valdir Espinosa, então treinador do Botafogo.

textos híbridos, fruto do olhar destes autores sobre a organização do evento pela CONMEBOL em solo brasileiro e suas respectivas conexões como, por exemplo, a rivalidade com a imprensa paulista, o patriotismo e o processo de disciplinarização da torcida nacional, a capacidade de recepção do brasileiro, a manutenção de boas relações diplomáticas com os países envolvidos no torneio, a crítica a movimentos grevistas de atletas estrangeiros, além de uma gama de representações sociais e culturais construídas pelas crônicas do periódico em questão.⁷

Também podemos citar o trabalho de Fontenelle e Helal (2019) sobre os olhares do jornal *Folha de São Paulo* acerca do atleta Neymar na Copa do Mundo de futebol masculino em 2018. Para os autores, as análises deste periódico sobre o desempenho do referido atleta extrapolaram o ambiente esportivo, invadindo a sua vida pessoal e o seu estilo estético e individual. Boa parte do trabalho aponta a opinião dos chamados “colunistas” do jornal como fontes e os autores não citam a palavra “crônica” ou “cronista”, mas faremos esta aproximação assim mesmo, tendo em vista, as características deste gênero (apontadas pelos próprios autores): apelo para o humor, tom ácido e crítico e autonomia criativa, dentre outras possibilidades e ferramentas de análise discursiva.⁸ De toda forma, alguns dos textos apresentados não se enquadram necessariamente no discurso híbrido da crônica, principalmente aqueles que apresentam explicações acadêmicas para o fenômeno esportivo em questão. Cabe ressaltar, ainda, a exploração do tema idolatria nas fontes pesquisadas, mesmo nos textos mais críticos sobre o atleta e a sua participação no torneio mundial da FIFA em 2018.

Percebemos ao longo deste levantamento, um olhar privilegiando os eventos de Copa do Mundo de futebol masculino e Jogos Olímpicos de Verão nos trabalhos que utilizam as crônicas esportivas no campo da Comunicação. Mais à frente trataremos deste ponto. Por ora, identificamos mais um trabalho nesta linha clássica de abordagem, com o artigo de Couto e Cornelsen (2018) que apresenta uma análise das crônicas do *JS* sobre uma partida específica em 1950, no torneio mundial da FIFA de futebol. O jogo entre Brasil e Espanha foi pesquisado pelos autores sob a luz metodológica da análise

⁷ Sobre 1949, apesar da citação de outros cronistas do *JS*, foram privilegiados dois dos seus principais cronistas, que se destacaram ao longo das décadas de 1940 e 1950: Manoel Vargas Netto e Álvaro do Nascimento, este também conhecido como “Zé de São Januário”.

⁸ Dentre os cronistas/colunistas trabalhados como fontes pelos autores, podemos citar os jornalistas Paulo Vinícius Coelho (PVC) e Juca Kfourri; o ex-atleta Tostão e o escritor Ruy Castro. Outros textos utilizados no artigo como fontes são assinados pelo ex-atleta Zico, pelos humoristas Ricardo Araújo Pereira e José Simão, pelo jornalista Vinicius Torres Freire, pelos escritores Sérgio Rodrigues e Cristovão Tezza e pelas professoras Angela Alonso e Laura Carvalho.

do discurso, em especial a partir dos trabalhos de Dominique Maingueneau, e privilegiando as representações culturais construídas em torno da seleção brasileira por quatro cronistas distintos do periódico esportivo carioca.⁹

Ainda sobre a Copa do Mundo de 1950, um estudo de Cabo (2018) tem o objetivo de analisar uma fonte impressa comemorativa do Uruguai produzida em 1989, às vésperas dos 40 anos da conquista da seleção celeste no Brasil. Nesta publicação, Cabo analisa vários documentos como editorial, imagens e crônicas, tendo como norte a compreensão das representações criadas e enfatizadas por parte da imprensa uruguaia sob enquadramento de memória (de acordo com o conceito aperfeiçoado por Michael Pollack). O mérito do trabalho é contextualizar os dois tempos históricos distintos por meio de uma fonte pouco conhecida pelo público brasileiro.¹⁰

Em outro artigo, Cabo (2017) apresenta um olhar sobre as construções midiáticas estabelecidas por periódicos brasileiros e argentinos sobre a atuação da seleção anfitriã da Copa do Mundo de futebol masculino de 1978. Para tanto, utiliza preferencialmente cronistas de ambos os países, fazendo uso de metodologia de análise comparativa destes discursos.¹¹

Consideramos também citar o trabalho de Lima (2017), sobre um dos principais atletas da seleção uruguaia, o atacante Luis Suárez. Apesar da autora ter o objetivo de discutir as representações criadas acerca do atleta, tendo como fontes principais três obras biográficas, há também (numa parte final e breve do artigo) a análise de uma crônica sobre a atuação de Suárez na Copa do Mundo de 2014, no Brasil.¹² Há a intenção de articular as visões biográficas do atacante, sob luz de autores como Beatriz Sarlo, Igor Sacramento e Mikhail Bakhtin, e transitar entre o gênero auto(biográfico) e as narrativas da imprensa, mesmo que estas tenham ficando em segundo plano neste trabalho. Outro trabalho sobre Copas do Mundo, desta vez comparando as derrotas da seleção brasileira de 1950 e 2014, escrito por Brinati (2016), traz o *corpus documental*

⁹ Foram pesquisados os cronistas: Mário Filho, Manoel Vargas Netto, Antonio Olinto e Geraldo Romualdo da Silva, todos pertencentes ao quadro funcional do *Jornal dos Sports*.

¹⁰ Cabo utiliza crônicas dos jornalistas uruguaios Juan Carlos Urta Melían, Davy e Pepe Vinacho (pseudônimo de Raúl Barbero).

¹¹ Neste artigo, o autor utiliza crônicas dos ex-jogadores Di Stéfano e Pelé (*Clarín*), José Maria de Aquino (*Placar*), João Saldanha (*Jornal do Brasil*) e Enrique Omar Sívori (*El Gráfico*). Podemos destacar ainda mais um artigo de Cabo (2016) que também trata deste tema, porém, tendo o foco no debate sobre as representações acerca do “futebol força” e do “futebol arte”. Neste, o autor analisa, dentre outras fontes, as crônicas de Juan Lorenzo, Helenio Herrera, Di Stéfano, Pelé e Alberto Fernández (*Clarín*) e João Saldanha (*Jornal do Brasil*).

¹² A crônica utilizada é do jornalista Juan Pablo Romero, publicada em *El País*.

baseado em reportagens e crônicas dos periódicos *O Globo* e *Folha da Manhã/Folha de São Paulo*. Influenciado pela análise de Henri Boyer, o artigo apresenta conceitos para compreender as representações exploradas pelos jornais analisados como “estereótipo”, “emblema” e “mito” e um dos cronistas apresentados no texto é o escrito Antônio Prata (*Folha de São Paulo*).¹³

A Copa do Mundo de 2014 também foi tema de vários trabalhos na Comunicação e um destes, que utiliza principalmente o fotojornalismo como fonte (capas de jornais com imagens da final do torneio FIFA de futebol masculino), também utiliza uma crônica que se destaca na edição de primeira página do jornal *Correio Braziliense*.¹⁴ O artigo de Carlos e Marques (2016) traz um diálogo interessante ao mesclar a análise desta fonte, entre imagens e texto, apesar de ser uma exceção em relação às demais capas analisadas, que enfatizaram o aspecto imagético e visual, de acordo com a proposta central do trabalho.

Assim como temos um número maior de trabalhos sobre crônicas que abordam Copas do Mundo de futebol masculino, há um interesse recente por parte dos pesquisadores em Comunicação para tratar dos Jogos Olímpicos de Verão. Se a realização deste megaevento esportivo em 2016, no Rio de Janeiro, possa ter influenciado as escolhas acadêmicas do campo por este tema, outras possibilidades foram abertas com o objetivo de cobrir outras edições da competição organizada pelo COI (Comitê Olímpico Internacional). É o caso do trabalho de Amaro (2017) que analisa a cobertura da imprensa carioca acerca da participação brasileira nos Jogos Olímpicos da Antuérpia em 1920.¹⁵ Neste artigo, as fontes utilizadas pelo autor não são exclusivamente formadas por crônicas, mas de matérias diversas, charges e publicidade correlata sobre o evento nos periódicos utilizados. Em relação às crônicas, o autor anuncia que vários atletas e dirigentes da delegação brasileira avançavam no campo do jornalismo ao escreverem seus relatos para os jornais cariocas, como correspondentes destes.¹⁶

Ainda sobre os Jogos Olímpicos de Verão, temos o trabalho de Brinati e Lamounier (2018) que estudam a cobertura jornalística de *O Globo* acerca da

¹³ Este artigo é baseado na tese de doutoramento defendida pelo autor no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 2015.

¹⁴ Os autores utilizam uma crônica de João Valadares.

¹⁵ Amaro trabalha com os seguintes periódicos: *O Paiz*, *O Imparcial*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *Gazeta de Notícias*, *Revista da Semana*, *Fon*, *O Malho*, *Careta* e *Sport Illustrado*.

¹⁶ É o caso dos atletas Leite Ribeiro e Flores Filho.

participação da seleção brasileira de futebol nos Jogos do Rio de Janeiro-2016. Apesar de não ser um texto que privilegie exclusivamente as crônicas do jornal (são utilizadas matérias em geral), os autores utilizaram em especial o colunista Carlos Eduardo Mansur. E na discussão anterior ao tema proposto, sobre a relação do futebol e a identidade nacional brasileira, Brinati e Lamounier utilizaram fontes dos irmãos cronistas Mário Filho e Nelson Rodrigues, conectando com o olhar de autores que pesquisaram o futebol como Ronaldo Helal, Roberto DaMatta e Denaldo Souza.

O trabalho de Marques (2017) apresenta uma análise dos jornais *Lance!* e *Folha de São Paulo* acerca da cobertura jornalística dos Jogos Paralímpicos de 2016. O autor utiliza matérias e imagens dos dois jornais e cita brevemente dois colunistas no final do artigo.¹⁷ O objetivo central é analisar as formações discursivas da cobertura sobre o megaevento paraolímpico e o autor utiliza, para tanto, a metodologia da análise do discurso de linha francesa, além dos conceitos trazidos pela sociologia do esporte.

Sobre a constatação do quanto o futebol é a modalidade privilegiada pelos pesquisadores de esporte, inclusive naqueles que utilizam a crônica como fonte, além dos artigos já supracitados, podemos conferir também o trabalho de Cornelsen (2018) acerca das relações políticas entre Brasil e Portugal em um amistoso disputado em 1968. Nesta pesquisa, o autor utiliza as crônicas como fontes principais para compreender as ausências de opiniões mais críticas dos cronistas em questões acerca tanto do processo político brasileiro, gerido por uma ditadura militar desde 1964 e do governo português, responsável por uma política neocolonial em território moçambicano (sede do jogo amistoso) e do regime ditatorial salazarista.¹⁸

Dentro do universo de estudos específicos sobre este gênero híbrido ou sobre usos da crônica esportiva como fonte, podemos destacar o artigo de Mello (2017), por alguns motivos a saber: 1) foge da estrutura de abranger temas vinculados à Copa do Mundo de futebol ou seleção brasileira; 2) procura se ater ao tema futebol fora do eixo Rio/São Paulo, abrindo espaços para a discussão das crônicas no estado de Santa Catarina; 3) trabalha com vários cronistas de 3 periódicos. A proposta do autor, enfim, é compreender as construções midiáticas acerca da rivalidade entre os clubes de Florianópolis, Joinville e Criciúma com a Chapecoense, na conjuntura pós tragédia área

¹⁷ Colunas assinadas por Mariana Lajolo e Mariliz Pereira Jorge, ambas pela *Folha de São Paulo*.

¹⁸ O jogo amistoso comemoraria a inauguração do Estádio Salazar, na cidade de Lourenço Marques. Os cronistas utilizados por Cornelsen são: Nelson Rodrigues, Álvaro do Nascimento (“Zé de São Januário”) e Jocelyn Brasil.

envolvendo esta última equipe em 2016.¹⁹ Para tanto, o autor utiliza neste artigo a análise pragmática da narrativa jornalística, proposta por Luiz Gonzaga Motta.²⁰

3. Considerações Possíveis ou O que é ainda é possível fazer em pesquisas sobre/com crônicas esportivas?

Apesar da pergunta acima parecer bastante pretenciosa, o objetivo deste último tópico é apontar, a partir do que já temos no campo da pesquisa na área de comunicação e esporte, algumas possibilidades de temas e aspectos metodológicos que merecem ainda ser investigados.

Mais do que uma defesa do estudo das fontes híbridas entre o jornalismo e a literatura, há que se pensar o porquê da subutilização das crônicas nas pesquisas mais contemporâneas sobre o esporte no campo da Comunicação. Para tanto, é necessário repensar seus usos, tanto de forma mais aprofundada, como objeto de pesquisa, como fonte relacional, comparada com outros documentos e veículos de comunicação. Por outro lado, é mister compreender que o estudo das crônicas permite uma aproximação não apenas com os estudos literários, mas de forma mais ampla com os estudos culturais (sem cair na mesmice de compreender este último campo como a área de pesquisa exclusiva e privilegiada das representações).

Desta forma, seriam bem vindos estudos e pesquisas que pudessem não apenas aprofundar o *ethos* de determinadas sociedades por meio de seus cronistas esportivos, evidenciando suas relações humanas com o esporte; e descortinando a vida urbana e os limites sociais e culturais das cidades estudadas.

Para tanto, as crônicas mereceriam não somente ser utilizadas como ilustração ou reafirmação de um determinado ponto de vista do pesquisador, mas serem analisadas discursivamente, sendo compreendidas como produção de seu tempo, de seu espaço, de seu veículo de comunicação, de seu jornal/empresa e, evidentemente, da criação subjetiva/criativa dos seus respectivos autores. Em relação a estes últimos, é mais do que fundamental analisar as crônicas, seja como fonte ou objeto, como produções

¹⁹ O autor utiliza fontes dos jornais *Diário Catarinense* (matérias e crônicas de Estela Benetti, Darci Debona, Moacir Pereira e Sérgio Costa Ramos), *A Notícia* (matérias e crônicas de L. Balduino e Elton Carvalho) e *A Tribuna* (matérias e crônicas de M. Mastella e L. Sardá).

²⁰ Em outro artigo, o autor também lidou com a cobertura da imprensa catarinense, carioca e paulista e que como estas tratavam o futebol de Santa Catarina a partir das representações criadas sobre os principais clubes do estado e seus respectivos torcedores. Este trabalho também não era exclusivo sobre as crônicas. De qualquer forma, as utiliza como fonte como, por exemplo, na análise da coluna de João Antônio Baço, do jornal *A Notícia* (SC).

inter(subjetivas), construídas a partir de diálogos e debates, entre autores e seus pares ou demais interlocutores, inclusive com os seus respectivos leitores.

Ao compreender isso, será possível dar um passo à frente (talvez, muitos mais) e iluminar a trajetória histórica, social e profissional dos cronistas, entendendo seu meio social e enriquecendo a análise (inter)textual em decorrência das narrativas apresentadas nas crônicas. Parece ser uma questão quase óbvia, mas muitos pesquisadores ainda ignoram o impacto da formação e trajetória social e profissional dos autores/cronistas em seus respectivos trabalhos.

Outra questão relevante que poderia ser explorada por novas pesquisas: a regionalização. Pelo que percebemos até agora, seja na pesquisa para este artigo, seja na observação de trabalhos apresentados em eventos acadêmicos, há uma confluência muito concentrada de pesquisa nos periódicos das grandes capitais brasileiras e, dentre elas, ainda se sobressaem as cidades de Rio de Janeiro e São Paulo. Não parece ser interessante que outros periódicos pudessem ser investigados, não apenas em outros centros urbanos, mas, inclusive, em cidades médias, pequenas e até também rurais? Existiriam espaços relevantes para o cronismo esportivo nestes jornais?²¹ Desta forma, outro problema poderia ser minimizado: a concentração de trabalhos acadêmicos sobre a crônica em torno de Mário Filho e Nelson Rodrigues, não mais solaparia uma visão mais abrangente da produção deste gênero em nosso país, mesmo em momentos e contextos áureos das obras destes dois autores.

Se por um lado precisamos olhar internamente, para dentro do país, para avançarmos e aprofundarmos a pesquisa, outro caminho interessante seria comparar a produção das crônicas esportivas com a de outros países, em especial ao países ibero-americanos. É possível estabelecer semelhanças entre um ou mais modelos destas narrativas híbridas, em dadas conjunturas históricas comuns? A formação dos cronistas nos países com os quais temos (ou deveríamos ter) determinadas identidades políticas e culturais pode ser comparada com a que temos aqui? É possível classificar estilos discursivos e origens dos autores em determinado tempo e espaço? Uma série de questões ainda precisa ser iluminada por novos trabalhos, que se proponham a aprofundar o estudo das crônicas.

²¹ Cabe lembrar que este fenômeno não se aplica apenas aos trabalhos que utilizam crônicas e jornais impressos. As escolhas por canais de televisão, rádios e outras mídias são privilegiadas por suas origens no centro-sul do país.

Outro ponto ainda a ser pensado é a relação entre rádio e crônica esportiva, não apenas por meio de uma análise histórica sobre estas mídias, ao reconhecermos o desenvolvimento e a consolidação de ambas a partir da década de 1940 e o quanto uma influenciava a outra, inclusive nas décadas seguintes. Seria possível pensarmos nesta relação próxima e dialética para os dias atuais?²² Houve algum momento ou virada que marcasse o distanciamento dos programas esportivos no rádio e as crônicas impressas? Existiu ou ainda há uma circularidade de profissionais que atuam em ambas as mídias, retroalimentando percepções e debates em torno do jornalismo esportivo? Estas questões podem ajudar a compreender não apenas a profundidade das crônicas, mas também entendê-las dentro de um quadro mais amplo, que dialogue com outros meios de comunicação e com a própria sociedade.

Outra questão para reflexão, mas não menos relevante: é possível ampliar o interesse pela crônica esportiva para além do futebol? Ou seja, a crônica pode contribuir para o estudo de outros esportes? Estas parecem questões mais fáceis para serem respondidas, mas os estudos mais recentes revelam que há uma predileção pelo universo futebolístico. Obviamente, esta questão a princípio não tem relação direta com os usos das crônicas esportivas, mas sim com a preferência de pesquisadores de esporte pelo futebol como tema de trabalho. Todavia, há material suficiente e abundante para estudos de outras modalidades esportivas, inclusive por meio de crônicas, tanto por meio de autores especializados em determinada modalidade, como textos tratados por cronistas que escreviam(em) na maior parte do tempo sobre futebol, mas que também narram(vam) suas histórias sobre outros esportes.²³

Nesta mesma linha de raciocínio, ou seja, buscar compreender o esporte por meio das crônicas para além do futebol, cabe uma última (mas, nunca definitiva) questão: como os pesquisadores podem analisar as conexões do esporte com outros temas significativos da sociedade estudada? Não seria relevante entender como os cronistas interpretam as relações do esporte com a organicidade urbana e local, não apenas em eventos esportivos pontuais, mas também nos chamados “dias comuns”, ou seja, no cotidiano da cidade ou localidade em questão?

²² Inclusive, é possível pensar sobre as aproximações com outros meios de comunicação, como televisão, sites, blogs e redes sociais.

²³ É o caso, por exemplo, de cronistas que atuavam em colunas específicas sobre turfe e esportes equestres, tanto no *Jornal dos Sports*, como em *O Dia*. Inah de Moraes é um bom exemplo de atuação em ambos os jornais, durante a década de 1950.

Inclusive, é um problema frequente verificarmos estudos não apenas sobre crônicas, mas também do próprio campo de pesquisas sobre esporte: estudam-se muitos eventos significativos como Copa do Mundo de Futebol (masculina, basicamente) e Jogos Olímpicos de Verão, mas eventos menores, locais ou ainda práticas esportivas que são realizadas na maior parte do ano são esquecidas e abandonadas pelo interesse acadêmico. Há uma espécie de “gigantismo” acadêmico no interesse destas pesquisas, pois interessa mais a exceção do que a regra, o evento maior do que o cotidiano “corriqueiro”. Não por acaso, a discussão em torno da identidade nacional se faz presente em muitas destas pesquisas, o que é importante para compreensão macro do processo histórico estudado, mas que oculta uma gama de possibilidades de temas a serem explorados como, por exemplo, entender como as identidades individuais, locais e regionais são criadas/retratadas a partir das representações narradas pelos cronistas.

Um estudo interessante realizado em 2017 sobre as pesquisas produzidas com o tema esporte em programas de pós-graduação na área de Comunicação nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul e Pernambuco apresentou um panorama geral sobre os trabalhos produzidos neste campo (GUERRA, HELAL e PASCHOALINO, 2017). Apesar dos autores concluírem que há uma produção diversificada em relação aos temas, percebemos que a modalidade futebol se destaca e, em especial, assuntos como Copa do Mundo e seleção brasileira surgem em número significativo dentro do quantitativo de trabalhos apresentados e pesquisados.

O campo da comunicação e esporte aproveitaria mais os usos e abusos das crônicas se explorasse mais estas fontes em sua totalidade, não apenas no aspecto metodológico na análise discursiva, mas também no aprofundamento dos temas correlatos ao esporte. As questões culturais, políticas, econômicas e sociais presentes nos textos das crônicas esportivas poderiam transparecer atenções e preocupações propostas por autores/cronistas que, de forma curta, ágil, dinâmica, por vezes ácida, irônica e sarcástica, enriqueceriam o campo de análise dos pesquisadores, desvelando assuntos conectados ao esporte, mas que apresentariam um panorama social inclusive para além dele.

Referências

XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 39, 2016, São Paulo. São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016>. Acesso em: 29 de agosto de 2021.

XL CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 40, 2017, Curitiba. São Paulo: Intercom, 2017. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017>. Acesso em: 22 de agosto de 2021.

41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 2018, Joinville. São Paulo: Intercom, 2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018>. Acesso em: 22 de agosto de 2021.

42º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 2019, Belém. São Paulo: Intercom, 2019. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019>. Acesso em: 20 de agosto de 2021.

43º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 2020, Salvador. São Paulo: Intercom, 2020. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2020>. Acesso em: 19 de agosto de 2021.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Com Brasileiro não há quem possa!* Futebol e Identidade Nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Unesp, 2004.

CANDIDO, Antonio et al. *A Crônica*. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

CAPRARO, André Mendes. *Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

CAPRARO, André Mendes e FREITAS Jr., Miguel Archanjo de. (Orgs.). *Passe de Letra: Crônica Esportiva e Sociedade Brasileira*. Ponta Grossa: Editora Vila Velha, 2012.

COUTO, André Alexandre Guimarães. *Cronistas esportivos em campo: letras, imprensa e cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)*. Curitiba: UFPR, 2016. Tese de Doutorado em História.

FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de. *No Meio do Caminho: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950*. Curitiba: UFPR, 2009. Tese de Doutorado em História.

GAMA, Gabriel Canuto Nogueira da. *A Ficção nos Escritos de Alma de Nelson Rodrigues e Chico Bicudo: a crônica esportiva em dois tempos*. Belo Horizonte: UFMG, 2018. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários.

GIL, Gilson Pinto. *Humildes, Mascarados e Gênios. Ética, História e Identidade Nacional na Obra de Mário Filho*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997. Tese de Doutorado em Ciências Humanas (Sociologia).

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O Descobrimento do Futebol: Modernismo, Regionalismo e Paixão Esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.

MARQUES, José Carlos. *O Futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

MARQUES, José Carlos. *Todo dia ela sempre faz tudo igual* (O texto literário e a crônica na imprensa esportiva brasileira). Trabalho apresentado no XXVII Congresso Brasileiro da INTERCOM. Porto Alegre: PUC/RS, 2004.

MARQUES, José Carlos. A função autor e a crônica esportiva no Brasil: representações da Copa do Mundo em alguns jornais paulistas e cariocas. *Logos – Comunicação e Universidade*. Rio de Janeiro, UERJ, V. 17, N. 02, 2º semestre de 2010.

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Ática, 1987. 3 ed.

SANTOS, Natasha. *Freud explicaria isso?* Os sentimentos e ressentimentos do futebol em Nelson Rodrigues (1951-1970). Curitiba: UFPR, 2012. Dissertação de Mestrado em História.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *O Mundo do Futebol nas Crônicas de Nelson Rodrigues*. Belo Horizonte: UFMG, 1997. Dissertação de Mestrado em Letras – Estudos Literários.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.